

ENTREVISTA TRABALHO E IDENTIDADE
ENTREVISTADO: JOSÉ NATÁLIO (OPERÁRIO APOSENTADO)
ENTREVISTADOR: EDUARDO ÂNGELO DA SILVA
ENTREVISTA ___ - SEÇÃO 1
TOTAL DE FITAS: DUAS

LEGENDA:

()- utilizados para identificar as palavras cuja a transcrição não é precisa.

[]- utilizados para identificar as falas do entrevistador que estão no meio da resposta do entrevistado, ou vice-versa.

{}- utilizadas para identificar as observações do entrevistador sobre alguns trechos da entrevista.

FITA 1/2 LADO A

Ed: É, Natal você pode falar um pouco sobre seus, seus avóis?

Na: Olha ô... eu como tive a oportunidade só de conhecer um dos meus avós né, que é o pai da minha mãe, mais... através dos meus pais né, o que eles passou pra mim, eram umas pessoas muito humilde né, muito honesta, muito trabalhadora né, que inclusive né, eles partiram né e deixaram... deixaram bens pro, pra eles né, que não foi pessoas que, que meteram o pau, gastaram, não. Eles tinham as economias deles e trabalhava certo né. Era pessoa muito humilde, muito humilde memo. Eles era tão humilde que né o que eles passou pro meus pais né, a gente se via que né, que eles era pessoa memo de compromisso, eles era pessoa muito séria. Eles num tinha... Maior responsabilidade na, assim, no dia-a-dia de vida deles né. É, isso que eu... Um que eu conheci, que tive a oportunidade de conhecê, a gente via a sinceridade dele. Era uma pessoa muito amada, gostava muito da gente que era os neto, gostava muito da minha mãe que é a filha. E, eu percebi, pelos meus pais né, o que eles passaram pra gente, que os pais deles foram pessoas muito... Eles contava pra gente né, como eles gostavam de ser e como eles gostavam de agir... Então era uma coisa muito severa que eles tinha sabe, severa que eu falo assim né, de... de um bom comportamento né, entre, entre família.

Ed: E, ô Natal, é... e quais eram as ocupações deles...?

Na: Ah, a ocupação deles era, era... na roça era mexer com lavoura né, com plantio e criação de gado. Esse era a tarefa deles, que eles tinham né.

Ed: É, e sobre seus pais ô Natal?

Na: Os meus pais... aí que é, aí que é o ponto chave da minha vida né. Graças a Deus, eu tive dois... né, um pai e uma mãe maravilhoso que... Meu pai faleceu com noventa anos, minha mãe faleceu com oitenta e sete, oitenta e seis oitenta e sete, mas é pessoa maravilhosa, é pessoa que só dava, só dava bom exemplo na vida da gente. Hoje eu (começo até?) querer chorá porque tinha uma vida muito boa pra gente, (entendeu?). Meu pai ele... era uma homem muito sério sabe, um homem muito católico, tinha uma religião fora de sério, ele, ele faleceu fazendo as orações dele. Ele ficou internado trinta dia, aí o enfermeiro um dia perguntou assim... Eu fui pra lá, ficar com ele uns dias lá, o enfermeiro perguntou assim: "seu pai é muito católico né?" Eu falei, é. "Seu pai, até na hora do banho seu pai tá rezando". Fazia oração, aquelas oração dele. Então era muito, mai muito... a minha mãe também, nossa mãe, era maravilhosa então... então eles tinham um carinho

com a gente, entendeu? Meu pai era tão sério que ele preferia tomar um prejuízo que dar prejuízo pros outros, entendeu? Inclusive ele, graças a Deus, trabalhou, economizou, segurou... segurou que eu falo assim, (aquela maneira?), gente antiga, tinha aquela maneira mesmo, “ah eu não vou comprar que eu vou ficar devendo e eu tenho medo de perder o terreno e o terreno é dos meninos” e ó, ele graças a Deus, ele batalhou e deixou a herancinha dele pra gente entendeu? Então, foi um, foi um pai e uma mãe maravilhosos que eu tive que sinceramente eu, acho que eu não tenho como, num tenho jeito de fazer pros meus filhos o que eles faz, mas eu tento fazer. Meus pais foi pessoa maravilhosa, muito religioso, exemplo de vida, muito, mas muito, muito bom mesmo. Eu, pra falar a verdade pra você, se eu, se eu fosse pensar em falar da vida do meu pai e da minha mãe pra você, eu acho que eu ia ficar um dia inteiro contigo falando, de tão maravilhoso que eles eram né. Muita sinceridade, muita honestidade e humildade, que eu acho que é o ponto principal que a gente tem na vida é a humildade. Se as pessoa for humilde, ele tem um bom exemplo, sei lá, de vida, um bom caminho entendeu? Isso é o que eu, mais ou menos assim, que eu tenho pra falar pra você. Dependendo do que você me perguntar eu posso até falar mais alguma coisa. [Ed: Não, mas... fica à vontade Natal se você quiser falar...] Que ele era muito sincero. Meu pai tinha aquele, aquela... aquele (momento ou mandamento?) assim, o que é da gente é da gente o que é dos outros é dos outros, então ele num... nossa senhora. Eu pra falar a verdade contigo, eu num tenho arrependimento nenhum. Eu num tive infância, eu num tive infância... porque você imagina bem à cinqüenta anos atrás como que era a vida. Eu, a gente era, tinha seus sete, oito anos, tinha que ter vergonha de ver os outros, de olhar pros outros, num é? Então eu não tive infância, eu não tive brinquedo, eu não tive. Assim, igual hoje, igual essas crianças tem hoje, não, mas eu tive uma vida... hoje eu sinto que eu tenho uma vida maravilhosa, entendeu? Porque o que ele me deu, foi o exemplo de vida que ele me deu ué. Me criou, me deu educação, eu estudei né, estudei da primeira série até a oitava entendeu?, com dificuldade mas estudei, então... mas isso tudo por força deles. Nós era onze irmãos, onze irmãos entendeu?, então, ó... muito, mas muito... O meu pai e minha mãe foi maravilha, peço que Deus hoje dão, um lugar, um descanso pra eles, mas um descanso bom memo porque eu tenho certeza que eles tá descansando. Que a religião que ele tinha, o exemplo de vida que ele passou pra nós, entendeu?, aquele... aquela coisa que ele tinha assim de viver não só com a família, mas com os outros de fora. Então, o meu pai foi assim, na época, existiu lá na roça, existia um tal de juiz de paz, já ouviu falar? Juiz de paz. Ele era o juiz de paz, é assim. Quando uma pessoa brigava, um casal brigava, então chamava ele, ele ia lá né... num ganhava nada, era de graça!, num ganhava nada, mas ele ia lá, ver, o que tá acontecendo, pra fazer uma paz né, pra o casal, o marido e a mulher, outra hora entre os vizinhos que tavam brigando por causa de direitos... o pessoal brigava por causa de bobeira cê entendeu, aí ele ia e fazia a paz, ia lá conversava, entendia, resolvia. Porque se não resolvesse já ia, aí descia lá pra, pra baixo como dizia o outro. Como diz o outro, falava assim, descia lá pra baixo, os advogado, lá pro juiz. Então, ele tinha uma vida, muito, muito legal memo. Meus pais foi (?)... Agora, igual eu falei pra você, foi buscar lá de trás, lá dos meus avós que veio trazendo aquilo, aquela honestidade, aquela sinceridade e... até chegar, até chegar neles e eles passar pra mim. Eu tenho a vida que eu tenho hoje, agradeço eles, porque me deram muito, muito, muito exemplo de vida e a minha família toda graças a Deus são onze irmãos tudo maravilhado, tudo maravilhoso. Gente boa, igual eu memo. {risos}

Ed: E Natal, é... como vocês vieram pra, pra essa região? {a região a qual me refiro é o Sul do Estado, mais especificamente, Barra Mansa}

Na: Olha rapá, seguinte. Eu, eu tava lá na roça né, mas lá a vida já não era muito, não tava muito boa né, nos anos setenta e poucos sabe, a vida não tava boa mais lá não. A lavoura tava acabando tudo e não tinha uma fábrica pra gente trabalhá, num tinha nada era somente aquilo lá na roça, sabe, era mexer com lavoura e gado entendeu? Então aquilo tava muito fracassado. Aí, eu já tinha, eu tenho um irmão que já trabalha no Rio há muitos anos, muitos anos, aí tinha aquela, aquela (vontade sabe?) “eu vou embora da roça, vou sair da roça”. Eu era o filho caçula, porque dos homens eu era o caçula. Aí eu peguei estudei, como eu te falei já, estudei da primeira à oitava série, primeira à oitava série, aí eu falei “eu vou embora”. Aí eu fui pro Rio em vinte e sete de outubro de setenta e cinco, eu saí de casa e fui pro Rio, mas não conhecia nada só conhecia a cidadezinha que eu morava, não conhecia nada, ela e uma cidadezinha vizinha lá. Aí eu desci pro Rio com um colega conhecido da gente né, aí fui pro Rio, mas aí, lá no Rio lá no Rio não..., fiquei três dias só. Não gostei do ambiente lá. Aí dia primeiro de novembro de setenta e cinco, eu vim pra Barra Mansa. Então, era porque minha esposa teve um primo que é o primeiro que veio pra Barra Mansa, que é filho desse homem aí que eu te dei o endereço aí, Seu Joaquim. Ele veio pra Barra Mansa e ele trabalhava de sapateiro lá em Volta Redonda. E ele veio pra cá, e ele ficou bem de situação, aí veio trazendo, trazendo os cunhados dele, trouxe os cunhado dele que é meu primo e depois veio vindo a família e... Aí veio o meu primo que é o, o sogro, que é hoje o sogro da Lidiane que estudava junto comigo e ele veio, veio pra cá também. E então através deles, a gente veio vindo, foi vindo um parente atrás do outro, inclusive a minha família aqui é enorme, entendeu? Através de um que veio primeiro a gente veio. Aí, quando o (Martinho?) que é o sogro da Lidiane veio, ele formou na minha frente né, aí depois eu... de do Rio eu vim pra aqui. Dia dois de novembro de setenta e cinco eu cheguei aqui em Barra Mansa. Através de, de (como diz o outro?), de..., como se fala, assim...? de, de união de família. “Ah, veio um, ah fulano, vamo pra lá, fulano ta lá, vamo lá!”. Veio vindo, veio vindo, veio vindo, entendeu? E hoje, sempre aparece um aqui. {risos de Natal} Agora hoje fica difícil né, porque do jeito que ta fracassado, aí então... Aí eu cheguei em setenta e cinco, novembro de setenta e cinco, aí fiquei umas duas semanas parado, aí depois eu fichei numa empreiteira lá na, na Bárbara. A Cimental de Cimentera a onde é o clube hoje, Cimenteira alí. Eu ia pra lí né, dalí que saia pra dentro. Aí quando foi dia vinte de novembro de setenta e cinco, eu passei pra dentro da companhia.

Ed: É, Natal você poderia falar um pouco mais desse seu amigo que você veio com ele pro, pro Rio?

Na: Sim. Esse meu amigo ele era o... tem um rapaz que ele era casado com a prima da minha esposa.[Ed: Aham] Então, ele trabalhava lá no Rio. Aí eu fui com ele, meu pai falou assim “ah leva o meu filho que ele quer ir embora, então você leva ele pra lá e vê se consegue um serviço pra ele lá e tal”, ele falou “pode deixar, nós vamo levá”, mas só que aí eu fui com ele. Ele era casado com a minha, minha prima, a esposa da..., a primeira esposa. Mas aí eu cheguei lá no Rio, sabe, não gostei muito do ambiente, mas como eu..., só tinha ele de conhecido assim... Então, aí eu pedi pra ele: “ó num dá pra você me levar pra Barra Mansa não?”, mas aí eu já tinha recebido uma carta desse meu primo, Tio Martinho, que é o sogro da Lidiane, que eu podia vim que o lugar de ficar já tava certo, o emprego era mole né? Então de lá do Rio eu vim pra cá. Tão aí que eu cheguei, aí que eu... aí que eu (engatilhei?) certinho, encaminhei certinho né, na minha vida.

Ed: E, e Natal é... como foi, assim, começar a trabalhar aqui?

Na: Ah rapaiz, foi difícil. Difícil porque onde era, onde é a casa do meu menino hoje, era um barraco de tauba grandão e ali era onde os rapaiz morava. Só morava rapaiz, entendeu? Então eu cheguei né... dificuldade. Aqui não tinha água, não tinha água de rua era de poço, mesmo assim era pouca coisa. Então eu tinha uma vida, difícil. Aí comecei a trabalhar, eu fazia o rango por minha conta, a gente cozinhava por conta da gente. Então foi uma vida difícil, difícil mesmo. Eu batalhei muito sabe... Aí, eu trabalhava, chegava em casa tinha que fazer comida no outro dia cedo levava a comida, chegava lá levava o marmitex, a marmitinha colocava na estufa, chegava lá, aquilo, aquilo estragava, azedava, que a gente não tinha uma geladeira em casa direito, não tinha nada direito, tava começando sabe? Então foi uma vida difícil, trabalhava até sem almoço entendeu...? mas graças a Deus, mas tinha uma fé, uma fé em Deus grande que tenho até hoje, aí fui batalhando, batalhando..., aí fui melhorando, aí depois minha irmã casou com o irmão da minha esposa,(?), ela casou com o irmão da esposa aí. Aí ela veio pra cá, também eles já moravam aqui, aí já passei a conviver com ela na casa dela, aí já foi melhorando, melhorando, até que eu..., (de um giro?) na minha vida aí conseguí comprar o terreno, fazer minha casa..., mas no início foi difícil. Não só pra mim. Todo mundo que vinha de lá pra cá, é difícil, é difícil.

Ed: E Natal, você lembra o local de trabalho como é que era?

Na: O local que eu trabalhei? [Ed: Isso, quando você veio pra cá] Oh, quando eu vim pra cá, igual eu te falei né, eu fui pra Cimenteira. Lá cê plantava, cuidava de..., eucalipto. Trabalhava, criava, tinha a Cimenteira, plantava a semente do eucalipto pra plantá, fazer aquele carvoeiro eucalipto que tinha lá dentro, também trabalhava lá. Aí, duas semana ou três semana, mais ou menos, que eu trabalhei lá, aí a Bárbara me chamou pra fichar. Aí ela ficou, eu fichei na antiga Volante, eu não sei se você ouviu falar quando você trabalhou lá. A Volante, a tal de VB, é a Volante, pertencia ao carvão e ao Alto Forno. Aí eu trabalhei fui direto pro carvão, fui direto pro carvão. Rapá, mais Nossa Senhora. O primeiro dia que eu trabalhei lá rapá, eu peguei três horas da tarde, só me deram o macacão, o macacão e um capacete, o sapato não dava. Eu peguei três horas da tarde de chinelo havaiana, porque eu não sabia né, de nada!, de chinelo havaiana, quando foi sete horas aquele chinelo arrebentou, eu acabei o resto da noite descalço, até meia noite, dentro daquele caminhão de carvão, aonde existia cobra, aranha que vinha naquele carvão que vinha. E eu trabalhei o resto da noite naquilo ali. Aí no outro dia, fui correr atrás de sapato pra mim, entendeu? Então foi uma vida..., difícil. Aí eu trabalhei mais ou menos um ano no carvão, aí eles pegaro e me passaram eu do (?) de descarga, passou pra ver amostra, tirar amostra no carvão e tal, levar pro laboratório, aí já melhorou um cadinho. Aí depois eles me levaro, troxeram cá pra cancela. Sabe a onde fica aqueles caminhão de carvão ali, no pátio, em frente a Barbará? Ficam uns caminhão de carvão alí, perto do Paraíba? Aí eles trouxeram eu pra alí pra cancela. Eu recebia os caminhão de carvão né, e despachava, descarregava. Eles passava e tal, despachava e descarregava. Alí eu fiquei três anos, fiquei até oitenta. Quando foi no início de oitenta, no mês de fevereiro mais ou menos, um colega meu falou “Natal, você quer ir pra fundição?”, a fundição nova né, onde nós trabalhamos. “Você quer ir pra lá?”, falei, eu quero. “Tá tendo vaga lá”. Já tinha sida montada naquele, naquele ano, finalzinho de setenta e nove. Tava começando a fundição nova. Aí eu falei “eu quero”. Aí, me levou lá, me apresentou pro chefe. Aí quando foi..., foi tão..., foi até um dia muito feliz na minha vida, eu já tava enjoado de ficar naquela cancela. Não tinha folga no dia de domingo, não tinha folga no feriado, não tinha nada. Folgava um dia por semana, mas era muito ruim. Aí, quando foi, quando foi dia quatorze de março de oitenta, o chefe me chamou lá na portaria e falou assim “ó, segunda feira você ta liberado pra, pra fundição”. E sabe que dia era segunda

feira? Dezessei de março, dia do meu aniversário. {rizos de Natal} Rapá, mas que... Foi um dia mais feliz que eu tive na minha vida. Eu não tava gostando de trabalhar naquele lugar mais. Eu queria viver assim no meio do povo sabe? Onde tinha mais gente e colegas. Então dia dezesseis de março de oitenta eu fui pra aquela fundição lá em cima. E as minhas mãos tavam muito fininhas que eu não fazia nada cá. Eu cheguei fazer calo até nas pontas dos dedos assim ó. Aquelas caixas lá desmoldava tudo na mão, na alavanca, não tinha checkout {máquina utilizada para desmoldar peças nas caixas de areia}, (?), não tinha nada, aquilo era feito tudo na mão.

Ed: Oh... É Natal, você podia falar um pouco mais sobre esse seu trabalho nas caixas? Porque... até pros nossos, pras outras pessoas que vão ouvir a entrevista entender o que você explicar.

Na: As caixas é o seguinte né. Aquelas caixas que você chegou a conhecer né. Tinha um por um, de tamanho um por um, por cinqüenta, tinha dois por um, por oitenta, tinha dois por dois também, por oitenta, aqueles tamanho da caixa. Então o molde fez ali dentro, como você via ali né... Aquelas caixa é desmoldada, aquela areia, na mão, na alavanca, com marreta. Fazia o..., que a gente não usava naquela época, a gente não usava a areia que, a mesma areia. Sempre era areia nova, aquela areia recuperada que a gente falava lá, num usava, aquilo era tudo jogado fora. Então, o que se via? Na berada do galpão, da laje do galpão, tinha um vago pra frente, a laje terminava aqui, aí colocavam..., fizeram aquele estaleiro grande, a ponte vinha, colocava a caixa em cima daquele estaleiro aí você subia em cima da caixa com a alavanca, com a marreta e aí ia meteno marreta e cortando as berada da caixa com a alavanca e juntando aquela, aqueles baita daqueles terrão lá. Tinha vez que saía terrão do tamanho desse sofá, aí jogava aquilo lá pra baixo. Aí a máquina vinha depois e fazia a limpeza né, mas ela..., (cê deve ter visto?), alí o porão por baixo como é que era né, era alto né. Então aquilo ali era uma dificuldade do caramba rapaz. Cê desmoldava (?) dez, quinze caixas daquelas por dia. Nós trabalhava muito, tinha que trabalhar muito era três horário pra fazer aquele tipo de serviço, pra dar vazão às caixas liberadas pra fazer moldar de novo. Quer dizer, moldava, cê desmoldava, levava lá moldava, fundia, aí no outro dia cê já tinha... E aquilo muito quente rapá e aquele gás, num usava, num usava uma máscara, num usava nada. Então aquele gás ficava na cara da gente. Então foi (?) é..., foi muito difícil, entendeu, muito difícil. Primeiros, primeiros, primeiro, primeiro ano que eu trabalhei ali foi difícil. É, foi feia..., foi tudo na mão. Tudo manual mesmo.

Ed: E Natal, você se lembra da relação com os companheiros como é que era?

Na: Ah, era muito boa. Era muito boa. Eu tinha uns colega, muito, muito..., tudo muito gente boa. Tem colega que já aposentou há muitos anos atrás, até hoje eu encontro com eles aí na berada de ponte. Oh, muito legal. Tinha, eu tinha um colega tal de Devair, ele tinha um defeitozinho porque ele tomava muito, muita bebida alcoólica, então, às vezes ele (sumia) eu ficava até nervoso, ele era um cara, uma cara..., isso antes dele morrer. Caiu, bateu com a cabeça no meio fio, aí num teve jeito, morreu. Mas era uma amizade muito boa que a gente tinha lá, nossa mãe. A gente tinha uma vida, uma convivência muito boa, muito boa. E eu sempre eu sempre procurei, sempre procurei a maneira de fazer uma convivência boa com meus colegas, que isso é muito importante no trabalho, muito importante. Você ter uma vida assim com seus colegas você procurar a viver a maneira, a maneira melhor. Sempre não prejudicar, sempre ajudar, isso eu sempre tive essa, essa..., até aqui na rua memo eu tenho essa maneira de viver. Eu sempre gosto de ajudar, não prejudicar. Então a minha viuvência lá era muito boa, graças a Deus. Eu saí

de lá, mas deixei uma amizade muito grande lá, desde o início, desde setenta e cinco. Ó, colega meu já aposentou há muito tempo anos, nos anos oitenta quem já aposentou, encontro com eles pra rua afora aí. Então, a gente lembra desse tempo, a gente renova sempre o tempo. Muito bom, muito bom.

Ed: E Natal, você encontrava eles fora também da empresa?

Na: Fora? Ah, fora, fora..., ih, sempre nossa mãe. Sempre a gente encontrava fora. A gente, vez ia passear na casa deles, eles vinha aqui, agente marcava churrasco. Às vezes marcava uma confraternização junto, todo mundo né. Vivia assim uma vida muito boa, tanto lá dentro como aqui fora. A vida boa muito boa, muito ótima. E até hoje, até hoje. De vez em quando eu pego o telefone ligo pra um, ligo pra outro, só não pode ficar ligando muito, senão fica muito caro a despesa, mas eu sempre ligo pra um, ligo pra outro, pra um, pra outro. Sempre eu... Isso aí num é de deixar que às vezes algum dia tinha uma..., sempre né, sempre tinha as vezes dava uma diferençazinha né, entre um entre outro, mas aqueles dias sabe o que que acontecia, era a acumulação de serviço. Às vezes o serviço acumulava muito, aí o chefe ficava cobrando e o serviço tava atrasado aí começava, dava um apertozinho, mas aquele dia é aquele dia, ninguém tinha raiva, ninguém ficava com raiva, ninguém ficava com ódio do outro nem nada. Aquele dia passava, acabava, então acabou. Muito bom. E a gente tinha a chefia muito boa também, tinha uns chefe muito bom. Primeiro chefe meu foi Seu Samuel, o engenheiro Samuel era legal pra caramba, depois tinha o Seu Walter, muito bom, aí veio o Granado também, o tal de Granado que é do escritório teve com a gente, aí depois veio o Ari. Então eu passei por muito supervisor, muito chefe bom lá, todo mundo gostava de mim. O primeiro encarregado meu, do carvão, ele chama José também mora na Roselândia, vira mexe eu tom encontrando com ele lá na matriz. Nós tamo fazendo um curso, vai terminar agora em dezembro. Todas..., é duas vez por mês, eu encontro com ele lá junto, fazendo curso junto comigo. Então a gente começa a lembrar daquele tempo antigo lá. Muito bom.

Ed: É Natal e você se lembra de alguma coisa em especial, alguma coisa que aconteceu?

Na: Alguma coisa de especial como assim? Se fala...? [Ed: Alguma coisa que você lembre assim] Não, ó... Especial na minha vida, durante os meus vinte e cinco anos e acho que nove meses, me parece, de Saint-Gobain né, meu momento mais especial é quando eu realizava uma tarefa, nossas tarefa em serviço, num é a minha, num é (?) de todo mundo, que saía cem por cento. Isso é a, o momento especial da minha vida. Porque se fosse pra mim trabalhar o dia, igual você vê lá, se a gente fundisse, moldava uma peça, aquele trabalho todo de fundir, chega lá no final ela ser um caco, eu não gostava, eu não gostava, eu ficava triste. Aqui por dentro eu não falava com nada, num falava nada né. Assim, (?), nego puxando o saco né, porque a companhia te é rica, não. Eu ficava caladinho né, por dentro eu me doía. Agora, os momento feliz meu, eu digo fazesse aquele serviço, moldasse aquela peça, quando chegar lá no final ela saía linda, sem (?), quer dizer cem por cento de aproveitamento. Isso é a minha felicidade, minha felicidade.

Ed: E Natal, é... é como era a relação assim, como, como era o sindicato na...?

Na: Ih Rapaz. Ó, nos anos oitenta que eu tava lá, nos anos oitenta e poço o sindicato, Nossa Senhora a coisa era feia, era feia. Teve uma vez que a gente..., o sindicato não reunia, era reunido lá dentro da fábrica, o sindicato fazia assembléia com a gente lá dentro da fábrica. Então teve uma vez que a Barbará tava fraca sabe, fraca de serviço, aí isso foi em oitenta e poços, aí o sindicato reuniu com a gente lá dentro da companhia, aí

todo mundo entrou em acordo né, aí todo mundo aceitou pra não ser mandado. A gente trabalhava de segunda a sexta e folgava o sábado e perdia, perdia o sábado pra ajudar a companhia, a companhia tava no fracasso, tava sem serviço então tinha muita gente. Pra não mandar o pessoal em bora o sindicato reuniu lá dentro com o pessoal lá, aí aprovou né, a aprovação foi geral em folgar, trabalhava de segunda a sexta, folgava o sábado e não recebia. Quatro dias no mês você não recebia que era o sábado né. Isso aí teve muito tempo, bastante tempo assim, aí depois melhorava aí voltava ao normal. Teve vez lá que a coisa ficou feia teve muita greve, muita greve, sabe, por causa de salário na época do aumento da Database. A greve maior que teve lá foi uma de vinte e nove dias por causa do turno (?), o turno..., era um turno só. Você fazia um horário só, que fazia zero hora era zero hora, quem fazia três as dez, três as dez, quem trabalhava de dia só de dia. Então aquele tempo foi a greve maior que teve foi vinte e nove dias. Vinte e nove dias de greve. Uma greve feia pra caramba rapá. Tem colega meu que machucou na pista porque..., sabe como é que é né?, todo mundo em greve aí começa a bebida e tal. Então o sindicato, na época lá, fez com a (?) muito grande, foi um trabalho muito bom pro sindicato e a companhia também, mas foi um, foi a greve maior que teve, vinte e nove dias, mas graças a Deus caiu tudo..., aí chegaram num acordo, cabô aquele horário, aquele turno, voltou ao revezamento de novo, aí dali pra cá nunca mais teve uma greve. Daquela época pra cá, foi em oitenta, oitenta e pooo, nem me lembro a ano mais, nunca mais teve greve na Bárbara. Sempre o sindicato reunia lá, com a gente lá, lá fora memo fazia assembléia, a chefia passava pra gente lá o que ela podia oferecer e o que que ela não podia oferecer, aí todo mundo votava, entrava em acordo, pronto. Nunca mais teve greve. A última greve foi essa. E eu não gostava, eu não gostava, inclusive quando tinha greve eu, eu..., aí o sindicato falava assim “ah, vem pra cá a noite pessoal, vem passar a noite aqui, dormir aqui” é ruim de eu ficar lá, eu vinha pra casa ficava não. Eu ia pra lá de manhã, não decidi nada, eu ia embora pra casa de tarde voltava, quatro horas, cinco horas, não voltou não resolveu nada, aí voltava pra casa. Eu não me enfiava no meio daquela... O sindicato na época do, do Juarez né, o sindicato era muito forte, na época do Juarez Antunes, o (vice?) do Juarez Antunes o sindicato era forte. Você pode perguntar, seu pai deve até saber. Mais pessoas, assim, mais velhas, ce vê, o sindicato na época do Juarez era muito forte. Ele dava muita, muita parada e..., e ele conseguia também né, ele tinha uma lábia muito boa, ele conseguia. Hoje que...

Ed: Eu não me lembro do, do Juarez o Natal, você pode falar um pouquinho dele?

Na: O Juarez? Ah, o Juarez era um pouco de tudo, ele era locutor de rua, assim, muito trabalhador nessa parte, muito trabalhador, ele num gostava que..., ele foi até prefeito de Volta Redonda né, ele gostava muito das coisas certas, ele queria que o operário tivesse um bom salário entendeu? Inclusive muitas coisas que a gente tinha na Bárbara foi criada por ele né, por exemplo o refeitório, o refeitório foi criado por ele é... Tem umas companhia aí que num dava ropa nem butina ele, foi criado por ele. Ele era um homem muito, muito severo. Severo assim, que eu falo, assim, honestidade, trabalhava pra caramba, ele, trabalhava memo ele num dava moleza pras firma não. Inclusive ele acidentou, morreu num acidente aí, mas ele era um homem... Ele foi prefeito de Volta Redonda lá, uns tempo lá, ele era muito, muito cem por cento. Era um sindicato que..., sabe, vamo dizer que o sindicato hoje é do lado do patrão né, porque, mas era um presidente do sindicato que ele batalhava memo. Tamém ele não era contra, ele não era contra o patrão, ela não queria exigir coisa também que o patrão não podia dar. Isso é lógico, você trabalha numa firma sua firma não tem condição de dar aquilo pra você, também num né. Só ele que encostava e fazia em pé um acordo, ele fazia um acordo. Na

época que eu falei pra você, na época que a gente negociava coma companhia, que a gente passou a... **FIM DO LADO A**

FITA 1/2 LADO B

Na: Você quer que fala do que? [Ed: Recordar um pouco aí, continuar o que você tava falando] Não, porque igual eu tava falando, você tava falando do sindicato, o sindicato sempre era aquela força que os operário tinha né. Era aquela força que o operário tinha né, o sindicato é que encaminhava a gente. Você..., a gente não tinha conhecimento de nada né, então, naquela época não existia nada. Hoje, aí daí daquele tempo as coisa veio evoluindo né, aí passou ter direito operário ter direito pra isso, ter direito pra aquilo, então era através do sindicato que a gente era encaminhado naquele assunto e o Juarez ele praticava muito serviço, muito serviço. Agora é que ta voltando pra trás de novo né, agora eles tão cortando né. Pra você ver, insalubridade, não existe mais insalubridade né, não existe insalubridade mais, a área (insalubre ou de saúde?) foi cortada. Então as coisa tão voltando pra trás de novo, invés de caminhar pra frente ta voltando pra trás. Você vê hoje o cara não aposenta mais com vinte e cinco anos de serviço, entendeu? Quer dizer, isso tudo tá, tá voltando de novo, tá voltando de novo. De primeiro você, você trabalhava vinte e cinco anos na companhia, no dia que você completava vinte e cinco anos a chefia chamava você pra aposentar, hoje não, hoje você não aposenta mais com vinte e cinco anos. Tem setenta e cinco anos, tem sessenta e três anos de idade, tem sessenta anos, num sei, quer dizer, as coisa tá, tá..., em vez de melhorar tá piorando, tá voltando pra trás né. Porque antes, bem antes de mim o cara saía lá..., trabalhava quase não agüentar mais, nem aposentava, aí veio a lei depois do cara trabalhar vinte e cinco anos, ele aposentar né. Agora, agora tá voltando de novo. Então hoje se o cara quiser trabalhar até sessenta anos de idade aí, ele trabalha né. Porque o sindicato hoje não resolve isso mais porque é lei do governo né, vem lá de cima também, aí eles num pode fazer nada.

Ed: É Natal, então é..., você acha que as coisas mudaram, assim?

Na: Mudou..., mudou. Um lado né, do início que eu comecei trabalhar no ano de setenta e cinco né, tinha vinte e um anos de idade, até, até quando eu aposentei, foi em dois mil e um, as coisa..., teve muita mudança nossa mãe. Pra você ver eu trabalhava, eu trabalhava de chinelo e eu comecei a trabalhar dentro de um caminhão de carvão rapaz, descarregando com chinela de dedo rapaz, chinelinho havaiana aí ó. E hoje?, hoje não. Hoje você entra pra uma companhia, você tem sua roupa, você tem sua botina, você tem uma..., que eu acho muito importante, você tem uma..., como se diz, um conhecimento uma palestra pra você, acho que um dia, dois dia, três dia, num sei; pra... mostra você. Mostra o setor de serviço todinho dentro da companhia pra você. Quer dizer, as coisa mudou muito, em uma parte, mudou muito. Hoje a..., hoje é..., num vou falar nem, é cem por cento melhor do que a época que eu trabalhei. Você ficava igual um, igual um, como se diz o ditado como se falava, igual boi indo pro matadouro. Você não sabia de nada, você entrava pra lá você não tinha... Você nunca tinha visto... Eu nunca tinha visto (de?) uma máquina de trabalhar, fazer um tubo. Eu nunca tinha visto um...,né. Assim a gente começava a trabalhar lá ué, por isso que eu tive um acidente né. Agora hoje, mudou muito, depois que o sindicato trabalhou, veio trabalhando, as lei foi mudando. Hoje não, hoje você vê, a pessoa começa a trabalhar ele é primeiro preparado né, a companhia faz uma preparação da pessoa né, passa até psicole, entendeu?, e várias coisas, entendeu? Depois tem equipamento né, hoje tem a luva, tem o óculos, tem o protetor auricular, tem tudo pro cara trabalhar..., quer dizer, querer o bem estar da saúde do cara, da pessoa. E só foi evoluindo, só ta evoluindo né. Hoje o cara num entra, assim, de qualquer maneira

pra uma companhia, ele tem um teste lá né, precisa ter um conhecimento né, se ele não tiver um estudo ele não trabalha né, que isso faz muita falta, faz muita..., faz muita parte do emprego a pessoa ter uma noção de leitura, uma noção..., um conhecimento né...? meio ambiente... Então é muita coisa rapaz, muita coisa. Você vê que hoje as coisa melhorou, você vê antigamente a gente pegava aquele material, resina rapaz, lavava aquelas vasilhas com resina, jogava na torneira no tanque lá ó; quer dizer, estragando o meio ambiente, a nossa água. Hoje não, hoje é tudo muito bem trabalhado as coisa evoluiu muito. Alguma coisa ta voltando pra trás né. Igual eu falei o negócio né, a pessoa hoje não aposenta com vinte e cinco anos ela vai aposenta com os seus cinqüenta e poucos anos, sessenta anos; quer dizer, tá voltando, em vez de melhorar ta piorando. Mas só que isso aí não cabe a companhia nem o sindicato, isso aí cabe ao já é..., o presidente da república lá o... né, então né, o ministério do trabalho né. Então as coisa, alguma coisa voltando, mas alguma coisa..., alguma coisa não, a maioria das coisa tão melhorando. Tá faltando é emprego né pra todo mundo trabalhar, mais assim, em especialidade hoje ta beleza. Tá beleza.

Ed: Natal, é... como assim especialidade que você falou?

Na: Assim, especialidade que eu falo pra você assim. Hoje a companhia não pega uma pessoa pra trabalhar se ele não tiver um conhecimento, se ele não tiver um bom estudo né, um bom estudo, se ele não tiver uma boa noção que é o que ele tá querendo aqui mesmo né. Que as vezes o cara entra pra trabalhar mas ele num quer..., num quer trabalhar, ele quer ir lá..., quer ganhar o salário dele, mas na hora de executar o serviço mesmo às vezes ele num tem muito interesse em nada, entendeu? Aí começa, invés de ajudar a firma atrapalha a firma entendeu? Então hoje essa parte né, igual eu vejo meu menino, começou a trabalhar, fez teste, fez entrevista..., então, se passou vai se não passar não vai, porque a companhia hoje já (?) ela (?) o interesse da pessoa, entendeu, o interesse. Igual você ta aqui hoje, você ta interessado no seu..., no seu trabalho. Se você fosse falar assim “ah, eu não vou fazer entrevista com ninguém nada eu vou... deixa pra lá”, mas você ta aqui. Você tá correndo atrás porque no dia de amanhã, você né, você vai precisando pra você. Se exigiram pra você é porque vai precisar e as vezes, muitas vezes a pessoa num é..., num interessa. A gente vê, hoje eu vejo aí uma juventude na rua aí, num tenho nada com a vida dos outros, mas depois você desmancha isso né. {na conferência da transcrição o entrevistado foi consultado e permitiu a permanência deste trecho} A gente vê uma juventude na rua hoje num quer estudar, num quer trabalhar quer ficar na rua o dia inteiro aí ó, pra baixo pra cima, mexendo com coisa que não leva a lugar nenhum, entendeu? Isso que a, isso que a companhia hoje, ela..., colhe isso né. Tem que ter interesse na vida né, estudar, correr atrás. Então, eu passo isso muito pro meu filho né, pro meus dois filho. Eu tô com um menino de, ta com dezesseis anos, vai fazer dezoito anos agora, trabalha entendeu? Estuda a noite trabalha durante o dia, quer dizer, tá ajudando ele e tá me ajudando, certo?

Ed: Ô Natal, é... como assim te ajudando, que você falou?

Na: Não, porque eu..., tá me ajudando porque... você vê, meu filho com dezoito anos se por só pra estudar, quer dizer, eu tenho que né correr atrás dele, pra ele né. O estudo dele, material pra ele, roupa pra ele e..., e nessas parte quando ele começa a trabalhar, quer dizer, ele me ajuda porque faz pra ele e me ajuda também de evitar dele ficar... Estuda a noite fica o dia inteiro em casa, quer dizer, evita de, da mente dele extraviar pra algum lado. Como eu vejo em volta da gente certas coisas, então me ajuda aí eu fico tranqüilo. Igual, meu filho ta lá na Albran, meu filho mais novo trabalha na Albran, ta na

Albran de sete às seis da tarde, chega em casa onze horas almoça volta pra lá de novo, aí quando chega sete horas da noite eu sei que ele tá lá no, no colégio Bárbara né, estadual, quer dizer, chega em casa onze horas da noite, (?). Então tão me ajudando, minha mente tá, num é, sem preocupação. Certo? Entendeu o que eu quis dizer pra você? Essa parte. Ajuda, minha ajuda é essa aí, entendeu? Porque eu fui funcionário não tenho salário bom. Não é ruim, mas também não é salário, salário grande. Então quando ele ganha o salário dele, ele ajuda ele e ajuda eu, ajuda minha esposa. Sabe como é que mãe é né, preocupada, entendeu? Então..., mas só tem..., mas esses dois filho só me dá o maior prazer, maior tranquilidade. Não vou dizer que eles não dá uma saída fora da vida, mas tem dia que a gente né..., mas graças a Deus. Tenho dois filhos maravilhoso e nessa parte eu tô dizendo que ele me ajuda.

Ed: É... Podia falar mais um pouco como eles te ajudam na tranquilidade ô Natal?

Na: Ah, me ajuda porque são dois garotos que..., igual eu já falei lá atrás né, o que eu peguei dos meus pais eu tenho que passar pra eles. Procura viver uma vida tranquila, ser humilde com os colega né, evita de, de procurar, assim, mal..., não desfazendo de ninguém porque eu não sou melhor que ninguém, meus filho não é melhor que ninguém, mas procura não andar com maus companhia. O serviço com uma pessoa que tá no caminho errado num despreza, num despreza ele, chega perto, dá um bom dia, dá uma boa noite, conversa, bate papo, mas num sai pra longe com certos tipos de pessoas. Se convidar pra certo ambiente, diz que não, entendeu? Então essa parte me ajuda. Aí eu..., e passo pra eles, ó a vida tem que ser assim ó, você tem que estudar, você tem que trabalhar, fazer sua vida, formar sua vida, porque..., eu não vou aturar toda vida né. Esse menino mais velho meu tá com vinte e dois anos, quer dizer, graças a Deus ele tá com a intenção, já tá fazendo a casinha querendo casar, eu tô tranquilo. Isso, até parte, aonde é minha vida. O que eu pude passar pra eles que eu aprendi com meus pais lá, eu passo pra eles. Apesar que hoje, sabe que o ritmo de vida mudou né. Eu fui criado de uma maneira diferente, igual eu falei com você a frase aí, eu num tinha..., eu nem, nem infância eu tive, eu nem um brinquedo pra brincar eu nunca tive na minha vida, entendeu? Só que foi assim mesmo, eu fui criado, quando panhei meus treze anos já comecei a trabalhar, com catorze quinze anos trabalhava. Trabalhava o dia inteiro na roça e estudava a noite. Então, eu não tive vida. A vida deles hoje é mais tranquila né, mais o que eu puder passar pra eles do que eu aprendi do meu pai, da minha mãe, eu passo pra eles né. Aí é onde eles me ajuda a viver. Que as vezes eu vejo alguém o pai sofrendo todo dia né e tá assim, tá assado, aí tem que (vê?) o sofrimento do pai e os meus filho me ajuda, me ajuda porque eu passei pra eles e eles..., segue o caminho meu, entendeu? Assim..., trata bem os colega, convivência boa no colégio, então é isso aí, trata todo mundo bem. Que é uma..., a vida, ó a parte principal da vida é você ser humilde rapaz você ter uma boa vivência com todo mundo. Se você viveu bem com todo mundo se seu..., você é uma pessoa humilde, todo mundo chega perto de você tá, você tá bem, que hoje, é amanhã, então é isso que é importante e o filho da gente, sendo assim, eu acho que ele tá me ajudando a viver. Porque você já pensou, eu tenho meus dois filhos, aí sai por aí, aí chega aqui amanhã, chega uma pessoa fala assim ó “seu filho fez isso, isso e isso, lá na rua da (ponte ou porta?) com meu filho ou com a minha filha”. Poxa! Minha vida vai ficar desmoronada. Então eu passando pra eles a maneira de viver do jeito que eu gosto do jeito que eu fui criado, aí eles me ajuda.

Ed: É... Natal como você era no trabalho?

Na: Assim no meu trabalho? Ó, eu te falei a verdade pra você, o meu trabalho eu gostava de ser pontual. Primeiro, horário. Eu gostava de ser pontual no meu horário, nossa senhora, eu se perdesse um dia, se eu perdesse uma hora eu ficava doido. Doente, pra mim pegar um afastamento, só se eu tivesse memo, ruim mesmo. Eu não gostava de perder dia (?). E, no meu trabalho lá eu gostava de ser pontual mesmo, meu serviço eu gostava de fazer, de cumprir minha tarefa, é... aquela palavra morcegar não existia comigo não. Não existia não, entendeu? Se a chefia colocasse fazendo um serviço lá, uma limpeza, qualquer coisa, eu queria é meter o pau naquilo acabar com aquilo. Ficar morcegando pra hora passar pro dia passar, não. Eu gostava de ser pontual e tem uma coisa, meu serviço tinha que ser com perfeição. Nada de, de..., nada de ficar enrolando, de ficar coisa, entendeu? Qualquer dorzinha de cabeça tá levando afastamento médico. Ó rapaz, pra te falar a verdade pro ce eu trabalhei vinte e cinco anos e nove meses só tive na Bárbara dois afastamentos. Eu tive uma falta, essa falta eu lembro dela, o primeiro ano de serviço eu tive uma falta. Dei uma bobeira, perdi um dia de serviço, aí levei até dois..., levei até um gancho. Perdi um dia, o dia que eu num fui, aí levei um gancho de mais um dia, mas (?). Agora, falta..., só tive dois atestados médicos também. Falta eu tive, só tive essa, num gostava, num gostava. Levantava até passando mal ia trabalhar.

Ed: E, e... Natal como assim um gancho?

Na: O gancho que eles falava antigamente é o seguinte, você, hoje é dia de você trabalhar aí você não ia trabalhar, aí você não, levava um atestado médico, não levava nada né. Aí quando você chagava lá no outro dia, aí a companhia já tirava o seu cartão do (quadro?), falava assim “ó, você não veio pra trabalhar ontem, não trouxe atestado, não mandou avisar nada, então você vai ficar mais dois dias em casa”, aí você perdia três dias. Esse é o tal de gancho que você... {risos} Hoje eu acho que nem existe isso mais não, isso é coisa do..., setenta e cinco, setenta e poucos, oitenta, setenta e cinco, oitenta. Isso aí nem existe mais não. Mas também foi...,né, poxa, eu perdi um dia de bobeira, atoa, assim (?), num dia de domingo, entendeu? Por isso que eu falo com você a honestidade, a honestidade, ela faz parte do trabalho. O jovem, desde o jovem, ele começou a trabalhar ele tem que ter responsabilidade com a vida dele. Eu, eu perdi, perdi esse dia, levei essa falta, por falta de honestidade minha que a companhia precisa de mim poxa. Eu tenho um compromisso. A partir do momento que eu fui na companhia, assinei o termo de oportunidade de trabalho, comecei a bater meu cartão, eu tenho compromisso com aquilo alí rapaz. A companhia precisa de mim, eu preciso dela, mas ela também precisa de mim. Ela precisa de mim lá uê. Aquele horário é meu. Se eu não for o que vai acontecer? Vai ter que pegar outro vai ficar sem eu, entendeu? Então, então eu achei merecido o ganchinho que eu levei {risos}, os três dias que eu perdi. Achei merecido, achei merecido. E você como a gente leva prejuízo nisso, por causa dessa falta aí tinha aquele ATS, que hoje num tem mais na companhia, que você completa cinco anos aí você começa a ganhar uma porcentagem..., foi por causa dessa falta que eu tive que trabalhar seis anos, que o meu primeiro ano eu perdi ele, se você tivesse uma falta você perdia o direito a ATS, aí teve que contar mais cinco anos pra frente, quer dizer, aí fui até seis anos, aí comecei a trabalhar..., quando completei seis anos quando completei seis anos aí que eu comecei a receber o primeiro ATS meu. Quer dizer, isso tudo você tem que colocar na mente que é prejuízo, prejuízo pra companhia, prejuízo pra você. Então você tem que ser, a gente tem que ser honesto, honesto. A honestidade é a coisa mais sincera, a honestidade não é só você ser honesto no que você comprou, pagou, entendeu?, não. Honestidade é você viver a vida sua com seus colega, a família e no trabalho, honestidade. Porque eu, quantas vezes eu já tive que dobrar porque fulano não veio trabalhar. Então aí não é honestidade, você ta sendo, covarde. Então a companhia,

poxa, ela te paga, te paga pra aquilo ali. Eu nunca gostei..., as vezes tinha aquele que “ah, o serviço tá ruim, num tá dando certo, tá pegando, tá jogando fora, ah... a companhia é rica”... {Natal fez um sinal de desaprovação} Ela também gasta. A companhia com pra o material, poxa, ela não ganha de graça, então, ela compra o material, ela te paga você, agora você (?). Então a honestidade começa desde o, desde o trabalho seu, desde o seu cartão. Sete horas é sete horas, num é sete e meia, num é oito horas não. Eles gostavam muito de mim, (toda vida?).

Ed: E o, os outros operários Natal? Como é que eram eles trabalhando?

Na: Ó rapaz, você sabe que no meio do..., você trabalhando no meio de uma, dentro de uma companhia, existe né, não desfazendo de ninguém, mas existe vários tipos de pessoas. Tinha colega que aborrecia a gente, aborrecia, tinha colega que invés de ajudar..., ajudar, é atrapalhava. É... atrapalhava. Um cara às vezes começava a dar nó cego, dava nó, às vezes num ia trabalhar, ou chegava lá ficava morcegando e tal e tal, enrolando o serviço pra lá, enrolando o serviço pra cá, entendeu? Às vezes a gente tava ralando o cara tava lá numa boa batendo papo. Então isso aí, isso aí, tinha muito disso na companhia, muito disso. Porque os meus vinte e cinco anos de companhia, quer dizer, vinte e cinco anos e nove meses, na fundição eu trabalhei vinte..., na base de, vinte e um anos mais ou menos, lá na perto ta fundição... rapaz passou... Ó rapaz, passou muita gente comigo lá, passou muita gente, que trabalhava lá um ano, dois anos, seis meses e ia embora, num ficava. Quando tinha um corte... {risos} Esses caras não tinham firmeza. Não tinham firmeza. por isso que eu falo com os meus meninos aqui ó “tem quem ser honesto”, se você quiser ter emprego, hoje, se você quiser ter emprego tem que ser..., tem que ter honestidade. Antigamente não na época que eu trabalhei ou, você saía da Saint-Gobain que era a Bárbara, no outro dia você ia lá na Saudade, Siderúrgica Barra Mansa, você empregava. Você ia no outro lugar aí, você empregava. Agora hoje não. Então eu falo pra eles, a honestidade, tem que ter honestidade no serviço, muito muito importante. A palavra honesta ela cabe em qualquer lugar ó. Igual eu, trabalhei na comunidade, trabalho na comunidade aí, entendeu? Aqui mesmo, com os da rua aqui, honestidade. Tem que, viver mesmo com honestidade. Se você não for honesto você não tem emprego, não tem amizade, não tem nada.

Ed: Como é o seu..., foi seu trabalho na comunidade o Natal?

Na: Ah, eu trabalho deve ter uns, deve ter uns quinze anos, quinze anos ou vinte né. Comecei trabalhando na comunidade assim né, ajudando as pessoas que, tem uns grupo né, uns grupo da rua né, todas quinta-feira se reúne lá numa casa, vão numa casa, vão na outra casa, aí eu comecei a participar, depois passei a ser coordenador daquele grupo, depois eu passei pra outros. Fui coordenador da comunidade, coordenei a comunidade três anos, comunidade geral a Piteiras todinha, eu era coordenador da comunidade da igreja nossa aí, três anos né. Agora hoje eu faço parte do, faço parte do dízimo, a minha esposa é coordenadora eu, faço parte de entregar o envelope nas casas né e eu faço parte da liturgia né, celebro, faço parte da celebração, celebrar, eu faço parte da pastoral da esperança, quando morre uma pessoa a família quer oração a gente vai lá fazer oração pra pessoa que faleceu e tem muitos trabalhos na comunidade por aí, (?). A gente faz por exemplo, faz bingo né, (monta?) bingo pra ajudar uma pessoa, faz uma (?), às vezes amonta um bingo, põe o material pra pessoa fazer a casinha dele, que a pessoa às vezes tá necessitada, tá precisando, paga uma conta de água, paga uma conta de luz, sempre tudo trabalho que a comunidade faz, que eu participo. Foi muito gostoso, o trabalho na comunidade é gostoso. Muito bom.

Ed: O Natal é..., como é o pessoal aqui na Piteiras a comunidade aqui?

Na: Ah, é muito bom. Muito bom. Aqui, a nossa aqui é a comunidade da Piteiras. Quando falo comunidade, a gente fala, fala a Piteiras inteira. A comunidade é a Piteiras inteira..., mas é muito bom o pessoal. Até você encontra alguém que..., sabe, aqui e tem várias religiões né, então religião não é o problema, mas aqui a coisa é muito (boa?). Eu tenho vinte, já lá vou caminhando pra..., que é desde setenta e cinco, setenta e cinco, pra dois mil e cinco dá o quê?, da..., da vinte, trinta ano né, lá vou caminhando pros trinta ano que eu moro aqui, só aqui. Oh gosto demais, porque aqui, o pessoal aqui é muito bom. A comunidade..., é bom você viver em comunidade rapaz, você tem conhecimento com cum, tem conhecimento com outro né. Você precisa de alguma coisa, fulano tem. Fulano precisa, eu tenho. E você trabalha na comunidade você passa a, você passa a conviver e passar a conhecer os pontos né. A minha esposa trabalha lá em..., também, ela faz parte da associação, ela tá terminado o tempo dela, mas..., faz parte da associação aí também já junta né. Então é muito bom. Muito gostoso mesmo. Lá na comunidade é a mesma coisa que na companhia, você aquele tempinho que você trabalhou lá você já convivia com a gente alí, então a comunidade é igual aquilo alí. Você tá sempre alí junto, sempre sabendo um probleminha alí, mas é gostoso.

Ed: E Natal, é... aqui na sua família você trabalhava na companhia e como é que era dentro de casa assim? Tinha mais alguém que trabalhava...?

Na: Não, na época que eu trabalhava só eu mesmo. Só eu, meus filhos eram pequeninos aí ninguém trabalhava. Minha esposa que, que, ela mexe, ela tem (?) o dom mexe com costura, sempre mexe com uma costura, uma costura, costurando. É..., reformando uma roupa pra alguém, consertando uma roupa pra alguém, ela sempre tá assim, só pra divertir né, mas toda vida fui eu mesmo que trabalhei. Agora que meus filhos tão trabalhando, depois que eu aposentei que eles começou a trabalhar. Toda vida fui eu só. Graças a Deus. Passamos por algum momento meio difícil na vida né, que às vezes o salário num dava né, os filhos estudando, eu com meus pais doentes lá em Minas né, aí , às vezes, tinha mês que você passava meio..., mas graças a Deus, com a fé de Deus, com a força de Deus eu nunca desesperei não. Por um outro lado meus filhos também..., eu dí um jeitinho, dava um jeitinho, eu..., que livrava o lado deles.

Ed: E como você fazia o Natal pra, dar um jeito nessas horas?

Na: É... Vamos supor, às vezes o salário não dava né, pra comprar o material pro meu menino, estudar...,né, eu..., eu dava um jeito, eu arrumava um jeito, eu corria no... Você quer ver, vou até te contar um lance. Quanto esse filho mais velho meu tava fazendo o C.T.{curso técnico} lá, aí ele tinha que comprar um material, trezentos real de livro e a minha mãe tava no hospital morre num morre e eu tinha que compra esse material pra ele. Foi que eu vi que (?), falei assim, “não, vou procurar um dinheiro emprestado, vou arrumar um dinheiro emprestado aí mês que vem eu pago”, procurei dinheiro emprestado aí não achei “ah, eu não tenho pra te emprestar”. Ah, sabe de uma coisa, passei num banco, aí fui no banco, (peguei o talão?) “quero trezentos reais”, o rapaz do empréstimo “trezentos reais?”, ele falou “você num quer só trezentos, você num quer, você num quer quinhentos não?”, falei “não, eu quero trezentos”, quer dizer é os que me salvavam lá do..., (fiquei feliz?), peguei os trezentos reais emprestado, quando comprei o... {o telefone tocou} O Penha, atende aqui. Ah, Jefinho atendeu lá. Comprei o material pro meu menino, a minha mãe acabou, acabou vindo a falecer e eu viajei também né, nós fomos pra lá, eu sei que eu resolvi tudo. Aí o cara me emprestou o dinheiro, eu paguei em quatro vezes,

só. Fiquei, fiquei sanado dos meus problemas né, lá e de cá e pronto acabou. Então, assim que a gente fazia, (necessitava?) né, dava aqueles pulinho pra lá, pulinho pra cá, mas só que tanto é, é a honestidade né. Você tinha que pagar... aí tinha um rapaz, até lembro que o rapaz que tinha a mercearia alí, acho que acabou a mercearia, eu pagava ele todo dia quinze né, pegava lá a compra né, todo dia quinze eu pagava ele, de quinze em quinze dias, aí eu falei “ó Alcenir, esse mês dia quinze eu não posso pagar você, vai ficar pro dia trinta”, “que isso rapaz, pode ficar pro dia trinta, pode ficar pro outro dia trinta, (num to nem aí?), pode ficar tranquilo. Quer dizer, igual eu falei no início, a honestidade que faz a gente, quando você aperta você ser honesto você dá um jeito pra você sair fora. (?)”.

Ed: Natal, é..., hoje em dia como você vê as coisas assim, é emprego né, como é que...?

Na: Ah, hoje eu fico até triste. Eu fico até triste porque eu tenho meus dois filhos aqui né, graças a Deus, todos dois trabalhando, um vai ser fichado ainda, o mais novo, mas tá trabalhando... Você rapaz a juventude na rua aí ó, caçando emprego caçando serviço e não acha. Tá muito fraco. O nosso, o nosso país tá, tá, tá numa crise de serviço, muito, muito, muito ruim memo viu, péssima, entendeu? Os nossos governantes eles não tão enxergando esse lado aí não. Você vê aí, você entra numa campanha, numa campanha política aí né, de presidente deputado né, memo, de prefeito igual teve agora, só vê campanha falando, mais emprego e não sei o quê, mais saúde e não sei o quê, mas não faz nada não rapaz, nada não. Oh, aí muito jovem... **FIM DO LADO B**

FITA 2/2 LADO A

Na: Como eu tava falando né. Hoje a juventude tá precisando de, de abrir campo né pra trabalhar. Muitos jovens tá aí precisando trabalhar, num trabalha porque não tem emprego né, as autoridades aí, governantes também não consegue fazer nada né. Você vê que né, a gente vê que como foi assim fechado, fábrica fechando, igual a CSN foi privatizada e a Rede e um punhado... Agora tô ouvindo falar que a Litográfica vai embora daqui, ouvi esses papo por aí, quer dizer..., né. Então os nossos jovem vai lá ficando sem (campo?) pra trabalhar, entendeu? Você sabe que..., você sabe que o maquinário tá reduzindo o..., tá reduzindo o homem, a mão-de-obra do ser humano. Você sabe que uma máquina hoje ela, ela faz pra dez homem aí, entendeu? Então já, já começa por aí. E você vê também que num tem o..., sei lá o... Hoje o governo, os governantes num abrem um campo de serviço, de trabalho pro jovens. O primeiro emprego, o primeiro emprego não existe. Um jovem bate numa, numa porta de uma fábrica aí, “ah o que precisa, o que precisa, fichar começar a trabalhar aí... Ah, sua carteira, você trabalhou quando? Nunca trabalhei não. Tem que ter uma ano de experiência, dois experiência. Muito jovem que sai do estudo né, no caso seu, você sai do estudo feliz do estudo chega numa companhia aí numa fábrica aí... Ah, tem que ter experiência, de que jeito? Você num tem, você nunca trabalhou. Tudo tem a primeira vez. Então, eu acho que o governo tinha que ter um local, umas fábricas, colocar o jovem pra trabalhar o primeiro emprego dalí ele caminhar, entendeu? Então, eu acho que tá precisando de muita ajuda, os nossos governante tá precisando de ajudar o nosso povo brasileiro, o nosso povo brasileiro tá..., né. O povo tá saindo pra fora porque as coisa tá ficando ruim. Por isso que tá, hoje aí você vê aí ó, é só memo..., é mortalidade grande porque jovem morreno novo aí porque tá entrando no mundo da droga, porque num tem trabalho, num tem trabalho. Aí começa a ficar doido pra arrumar um dinheirinho, aí começa a pegar uma troxinha pra vender alí, um cigarrinho pra vender alí, aí ele passa a usar aquilo também, aí com o pouco ele começa a..., a roubar, seqüestrar, assaltar, pra arrumar dinheiro pra manter a vida dele. Porque? Eu, eu acho

que isso aí é a falta de emprego. Tá precisando de trabalho pra juventude, pai de família mesmo aí ó né. Que às vezes nem ta nesse mundo aí, mas ta precisando, precisando de trabalhar pra tratar dos seus filhos e num tem como. O negócio, o negócio é sério. Essa parte aí eu enxergo muito fracasso da nossa parte dos nossos governantes. Porque isso aí num cabe a mim, numa cabe a você, num cabe nem talvez aos dono das companhia, entendeu? Cabe a força dos nossos governantes abrir espaço e sei lá viu, de uma maneira lá que..., que eles tem jeito, eu tenho certeza que tem. Abrir mais fábrica, né. Pra colocar essa juventude pra trabalhar pra ver se..., dá mais um, dar uma melhoria na vida do povo.

Ed: E Natal, é... o que você deseja assim pros seus filhos?

Na: Oh rapaz, primeiramente, o que eu desejo pra eles é que eles tenham muita fé em Deus. Isso é o que eu sempre passo pra eles, não esquecer de Deus. Por que sem ele meu filho, sem ele num, num..., pode ter emprego, pode ter tudo, mas sem Deus a pessoa não vive. Então o que eu passo pra eles ó, primeiramente, muita fé em Deus é o que eu peço pra eles. O que eu desejo pra eles é que eles tenha o, o procedimento de vida né, num vou falar que eu fui cem por cento, mas que eles segue o exemplo meu e não só meu, segue o exemplo de muitos pais de família que tem por aí. Muitos pais de família aí ,que quer trabalhar quer aposentar, (?) por aí né. Na minha família mesmo tem muita gente que aposentou, que trabalha, que às vezes, que..., tem uma vida saudável né, mas uma vida digna. Nada de..., como se diz, nada que num é meu eu tô querendo pra mim não. Viver uma vida tranqüila, trabalhar com honestidade e acreditar nele mesmo, porque a gente tem que acreditar na gente mesmo, se você não acreditar no cê memo, aí você num vai pra frente não. Algum dia você fracassa é lógico e no ser humano ele, ele fracassa, ele desconfia que ele não ta legal, entendeu? Hoje eu tô..., né. Tem pessoa que pensa, nem Deus tá comigo hoje, não. Não é assim não. Acreditar em Deus e..., se fracassou segura na mão de Deus e... Mas o que eu desejo pra eles é que eles tenham uma vida..., num precisa ser melhor do que a minha, igual a minha já tá bom. Eu acho assim, se meus filhos tiverem uma vida igual eu tive a minha eu acho que já tá bom. Porque graças a Deus, a vida é boa. Há momentos difícil? Há. Mas tem momento bom, tem momento ótimo, tem momento mil maravilha. Se eles puder fazer mais que eu... Que Deus seja louvado pra eles né. Certo, né. Porque cada um tem o seu, sua maneira de pensar, sua maneira de agir, eu num... Eu fiz o que eu pude fazer né, o que teve, o que teve ao meu alcance né, o que Deus me deu essa oportunidade eu aproveitei ela, se me deu mais eu até não aproveitei, mas... Agora, Deus dé a oportunidade que Deus dé pra eles, eu quero..., eu desejo que eles... né. Seja feliz.

Ed: Você acha que, é... o que faltou Natal, assim, é... a oportunidade pra você?

Na: Ah, pra mim não faltou nada não. Não. Eu acho que não. Sei lá, eu acho que não faltou nada não. Eu não. Faltou sim, pod..., pode ter faltado sim, é... Vou voltar atrás. Faltou sim, em pensar assim ah eu podia ter aposentado melhor, eu podia ter ficado melhor de vida nesse caso né. Porque, quando eu vim pra aqui eu tinha a oitava série, oitava série, e na Bárbara quase ninguém tinha. Então se eu tivesse pegado a minha mente..., não, eu vou continuar a estudar, vou estudar, vou fazer uma curso técnico, vou, eu vou subir..., talvez eu tinha subido. Isso pra mim num..., eu tive essa oportunidade né. Mas agora, num faltou nada não, pra mim ta ótimo. Eu tive uma vida boa, graças a Deus. Trabalhei, criei meus dois filhos, minha casa aí né, tenho um terreno..., a herança que meu pai deixou pra mim eu..., lá em Minas eu vendi, pedacinho de terra, eu vendi e comprei um pedacinho de terra pra eles, tô passando a herança do meu pai pra eles, quer

dizer, eu..., tem, muita coisa é..., muita coisa assim também, a gente pensar em muita coisa é bobeira. O importante é a gente tá seguro na mão de Deus e..., que tenho o caminho que eu fiz pra mim graças a Deus tá bom. Eu não acho que... Se, se passou alguma oportunidade na minha vida e eu perdi é porque a gente, né. Fui criado assim na roça, não tinha muita experiência de nada sabe? Toda vida eu fui meio tímido, meio tímido. E sou até hoje meio tímido. (?). Então eu acho que, graças a Deus minha vida foi legal, graças a Deus mesmo.

Ed: Oh Natal, quando você casou, ou... Quando você veio pra cá...?

Na: Não. Vim pra cá em setenta e cinco, aí morava alí no quarto alí. Morava uns quatro, cinco rapaz alí né, tudo jovem alí né, a gente morava junto. Aí quando foi em setenta e seis, setenta e sete mais ou menos, é..., comprei esse terreno aqui, comprei esse terreno de sócio com uma pessoa, um colega meu. Aí eu era solteiro né. Aí eu comecei a namorar essa, essa esposa minha lá em Minas, que ela morava lá, comecei a namorar lá. Depois os dois irmãos dela morava aqui e um era casado com a minha irmã. Aí eles..., o pai deles ficou meio doente lá, o pai dela. Aí compraro um terreno pra ele aí, aí ele veio pra cá, aí nessa altura eu achei bom. Aí eles vieram pra cá, entendeu? Aí eu... Quando foi em setenta e oito mais ou menos, setenta e nove, eu comecei a..., eu fiz essa casa, eu fiz essa casa. Aí quando foi em oitenta, em dezembro de oitenta nós casamo. Com cinco anos eu trabalhei, comprei o terreno e aí..., e fiz essa casa. Aí depois de casado o rapaz que era sócio comigo aqui no terreno, morava alí nos fundos, tinha uma casinha alí nos fundos, ele foi embora pra Minas mesmo, aí ele me passou a parte dele, eu comprei a parte dele. Com cinco anos eu..., eu fiz esse, essa jogada. {risos} Aí ficou maravilha. Aí casei tô com vinte e três anos de casado, vou fazer vinte e três anos de casado. (?) vou fazer vinte e quatro. Vinte e quatro anos de casado. Minha vida é maravilhosa graças a Deus.

Ed: O que significa é... ser trabalhador, é... pra você Natal?

Na: Ser trabalhador? O que significa ser trabalhador? Ó rapaz, eu acho que o que significa ser trabalhador pra mim é eu ter um compromisso com o meu dia-a-dia. Porque não é dizer assim, ser trabalhador é você, você morrer de trabalhar e tal, levanta de manhã vai até a noite, não. Eu acho que ser trabalhador é você ter compromisso. É você ter compromisso com seu dia-a-dia, entendeu? É você é..., dar, dar um prazer pro seu chefe, ser trabalhador né. Dar prazer pro seu chefe, igual eu falei pra você atrás. Eu, pra falar a verdade pra você, eu tô meio (?), mas a chefia gostava muito de mim, o Ari principalmente... o Ari é meio, é meio turrão né, o Ari gostava de mim pra caramba. A chefia pra traz, que passou gostava de mim. Porque eu, eu gostava das minhas coisas tudo certo, todo dia-a-dia, meu horário todo certo. Eu cumpria o meu horário certo. O meu, o meu serviço, minhas tarefa eu gostava de cumprir elas com tempo, tempo, a hora. Então eu acho que..., eu acho que pra você ser trabalhador é você ser..., você andar alí certo. Você ter compromisso com o seu dia-a-dia. Hoje é dia de trabalhar? É, é dia de trabalhar. Hoje é dia de passear vamo passear. Terminou o seu horário "ó da pra você ficar mais duas horinhas?", dá, dá, num tem problema, porque eu hoje a companhia tá precisando de mim, amanhã eu preciso dela. Então eu acho que você ser trabalhador é você... ter aquele compromisso certo. Você ser comprometido co o seu, com a sua vida. Com o seu trabalho, na sua vida, com a sua família, com a minha família, ter o seu compromisso com a minha família. Num deixar fazer..., (?), passar falta de nada, tá alí sempre..., acho, acho que é pai trabalhador, isso é pai que trabalha. Entendeu? Acho que ser trabalhador é você tá memo alí, seguro alí. Você tá ajudando e tá sendo ajudado e tá

cooperando tá sendo cooperado. Você busca, você dá e busca. Trabalhador certo é esse. Ele dá, ele busca lá e recebe e leva e recebe né. Porque..., você sendo trabalhador, a companhia vê você, a chefia vê o seu serviço lá, desempenhando, o seu horário desempenhado, quer dizer, aí qual a imagem pra chefia: “pô, fulano é um bom trabalhador”. Sempre ouvia isso. O Zé Orcino lá, sempre conversava o Goiabinha, às vezes o Goiabinha, sempre falava “bom, fulano é trabalhador”. Fulano Natal é um cara trabalhador, você é um cara trabalhador. Então, porque? Você leva e recebe. A companhia quer que você recebe. Ela, ela recebe você aquele..., aquele..., aquela força sua né, aquela boa vontade sua, né. Quantas vezes eu precisava de vez..., precisava de um dia de folga pra min ir lá em Minas ver o meu pai, minha mãe, o Ari falava “não, pode ir, você rapaz, você é gente nossa aí, você é gente fina”, mas porque, porque eu tenho aquela palavra de bom trabalhador, eu era... honesto né. Por que tem gente que pensa bom trabalhador você tem que ralar, tem que morrer de trabalhar, não. Pegar antes da hora, largar depois da hora, não. É isso, é você ser honesto, você... Sete horas é sete horas, três horas é três horas de parar e pegou o seu serviço e pronto aqui, minha tarefa hoje tá cumprida. Então assim... É você levar pra, pra companhia e receber dela né. Porque o chefe né, bom vamos supor que você é um chefe de uma companhia, você é o chefe né, você não é o dono, mas você é o chefe você é mesmo que o dono, você é mesmo que dono daquilo aí. Você tá aí pra dar conta daquilo aí pro dono da companhia. Aí eu tô lá trabalhando, você vê eu naquela..., você vê eu naquela vida lá, encosta lá, passa horas e horas sem colocar a mão numa ferramenta... o horário é sete horas eu chego lá oito horas, ou parar três horas... eu já vi muito isso, já vi, mas eu via muito isso, o horário parava três hora, duas e meia o cara tá de mão lavada, entendeu? Então, isso aí que, que..., é isso aí que, que estraga o cara num ser um bom trabalhador. Isso aí, isso aí, isso aí mancha o nome do cara ser um bom trabalhador. Você trabalhou na Bárbara, você sabe, você sabe né?! Acho que o cara tá pegando sete horas todo dia vamo largar três horas, então a companhia já dá dez minutos pra você lavar as suas mão pra você vimhora e guardar (suas coisas?) e vimhora. Então, dez minuto, num é meia hora antes. Isso aí é que faz o cara ser um bom trabalhador. Ter a (visão?) entendeu? Procurar fazer o serviço da melhor maneira possível, né. Igual eu trabalhava lá na época lá eu trabalhava na moldagem, fazia a moldagem boa, observá o que tá acontecendo com o material. Trabalhei de, de, de retocador de caixa né, ver o que tá quebrado fazer um retoque bom, fazer uma moldagem boa pra ficar bom né. O cara que funde, vê o ferro né, se tá um ferro legal, se tá né, se tá tudo no, no orçamento certo que o manual pede. Então isso tudo faz parte do bom trabalhador.

Ed: É... e os seus planos agora Natal?

Na: {risos} Meus plano agora rapaz é igual eu falei, falei contigo no telefone outro dia. Meus plano agora, eu vou viver do meu salarinho que eu tenho graças a Deus, graças a Deus mesmo né. Eu vou viver agora assim... descansar... minha vida né, é... , junto com a minha esposa e fazer ajudar meus filho né. O que eu puder ajudar meus filho, eu ajudo. Como o meu menino tá construindo, eu tô ajudando lá, dando uma mãozinha pra ele lá e assim né... Vivendo..., viver a minha vida assim mais com..., pra comunidade, entendeu? Na comunidade. Tem aí né, num sei se você já viu..., tem o meu carrinho aí né, a pessoa tá passando mal “ah vamo lá no hospital?”, vamo embora, levo, “ah vamo passar hoje?”, vamo. Então assim. Uma vida, uma vida de... Tô (necessitando ou esperando?) agora memo é pedir muita força a Deus pra me dar mais muitos anos de vida, pra eu aproveitar esse tempo que eu... né, esse tempo que eu trabalhei lá. Esses vinte e cinco anos e nove mês agora eu vou aproveitar eles né. Mais uns cinqüenta pra frente tá bom. {risos} Mais tem muita coisa pra mim fazer ainda. Sempre aparece uma coisinha pra gente fazer,

sempre aparece. Num pode ficar parado né, a gente não pode ficar parado porque se parar..., sabe, a gente que aposenta, não pode parar não, a gente aposenta não pode parar não. A gente tem que tá sempre movimentando, sempre ocupando a mente da gente com alguma coisa. Porque se você ficar parado, você começa a..., sua mente começa a acumular as coisas sabe, acumular coisa..., aí a saúde também não fica legal porque seu organismo começa a... né, a enferrujar... entendeu, então você tem que ocupar a mente com alguma coisa.

Ed: Como assim ocupar a mente o Natal?

Na: Ocupar a mente assim procurar alguma coisa pra você fazer né. Vamos supor, eu..., eu levanto as vezes tem dia que eu levanto de manhã, vou na cidade, a pé, vou a pé volto a pé, deixo o carro na garagem, deixo o ônibus na porta aqui. Vô de pé e volto de pé. Aí levanto de manhã, ah patroa vou lá passar a enxada no quintal dos meninos, quer dizer, aí o menino tá trabalhando lá eu vou lá ajudar a fazer uma coisinha, uma coisa e outra né. Então você tá com a mente sempre... assim, sabe. Sempre ocupando a mente com alguma coisa. Então, você não passar a... Colocar só coisa boa na cabeça, porque quando a pessoa fica parada assim... entendeu, ele começa a pensar as coisas né. Você vê igual né, a gente fica pensando nessa juventude aí tudo desempregado, se você ficar pensando naquilo, você tá parado, você fica pensando naquilo... vê esses jovem pra rua fora aí. Você também lê jornal de mais... é morte, morte, roubo (?). Então você..., você não pode ocupar a mente com muita coisa boba não, a gente tem que fazer isso. A mente mais ocupada assim... Dispersar sua mente, colocar outras coisas na sua mente, igual você..., senão (é perigoso falecer ou começa a falecer?). Eu conheço um..., diz que um colega da gente aposentou, diz que ele ficava na varanda dele assim, sentado na varanda só com uma cafezinho (?), com as perninhas cruzadas, batendo a perninha assim com uma varinha assim no sapato, fazia nada. Aí com... com o tempo ele morreu, deu derrame aí... tal. Que o nosso cérebro é que comanda a gente né. Que o nosso cérebro que comanda a gente, se você começá a encartá as coisa no seu cérebro, (vir?) muita coisa na sua mente, muita coisa, pensá muita coisa né... {o telefone tocou pela segunda vez} Hoje por exemplo, hoje você tá com a vida meia..., tá meia apertada pro cê entendeu, tem algum probleminha a gente pega pra... a gente esquece disso. Esquece, segura na mão de Deus que isso amanhã aí já tá outro diferente. Eu... Num esquento não. Sô meio... tem dia que eu fico meio nervoso, meio sem... , passa, acabou pronto, no outro dia eu já tô normal. Que a gente que ta a toa assim igual quando a gente aposenta... Você vai ter a felicidade de aposentar ainda se Deus quiser, você vai ver, você aposenta você fica assim meio... meio avoado sabe. É aquele costume que você tem né, depois você acostuma eu já acostumei. Só não gosto de ficar muito a toa não, gosto sempre de tá fazendo uma coisinha, nem ser a toa eu gosto de ficar não. Ajudando alguém alí, cada um que você ajudar você vai (dando uma mão alí?).

Ed: Natal você lembra muito da..., da..., do tempo que você trabalhou, agora?

Na: Na Bárbara? Ê, alembro, ô! Ainda sonho até hoje, outro dia eu sonhei que tava inda pra lá de novo aí, Ah rapaz, cheguei lá comecei a trabalhar, aquilo tava tudo diferente rapaz, e eu mexendo com aquelas caixas aquelas coisas. A mente... é uê. Porque o meu, o meu subconsciente (gravado?) naquilo lá. O sub consciente é igual isso aqui ó. Ih, eu sonhei que tava lá vendo aquela turma trabalhar e mexendo lá. Depois a gente acorda rapaz... O quê? Eu to lá nada, eu tô é dormindo aqui na minha casa tranquilo. {risos} É... bom pra caramba. Muito bom ré. Ainda lembro muito de lá, sabe. As brincadeiras da gente lá, entendeu, aquela turma lá. Tem uns cara que é muito sacana né, Carnaval...

Lembro disso tudo, esquece não. Hoje deve tá diferente lá né, três ano que eu não vou lá, deve ta diferente né, porque já mudou muita coisa lá. Mas que eu lembro lá de tudinho... lembro. Não esquece não. Não esquece não.

Ed: E Natal, é... você gostaria de falar mais alguma coisa, comentar mais alguma coisa...?

Na: Não eu acho que... o que eu tinha que falar né. Você, suas pergunta. A única coisa que eu tenho pra falar é que..., é..., foi até bom né, essa entrevista que você fez comigo , foi até bom porque recordei né, recordei meu tempo né. Lá da roça né, vim lá da roça né, vim pra cá... Falei dos meu avô que eu não conhecia, mas tinha noção que meu pai falava, minha mãe falava né, e a minha vida todinha né, que eu trabalhei... meus filho aí, meus colega na companhia. Foi muito bom, muito bom memo, entendeu? Foi momentos bom que a gente passou na companhia né, momentos ruim... Tinha dia que, tinha dia que momentos ruim, mas é... Foi muito bom memo. Se agente pudesse falar tudo que a gente passou, mas muitas coisas não dá pra falar porque fica pra trás, esquece né. O que eu podia, o que eu lembrei de falar pra você, falei. Até dos meus ganchinho, meus gancho. Seu pai, seu pai já trabalhou já, assim em fábrica? Não né. Quem trabalhava, trabalhou em fábrica alembra disso hoje, era gancho, suspensão falava gancho. {risos} Ah... muito gostoso, muito gostoso. Graças a Deus eu sou feliz. Sou memo. Feliz. O dia que é..., o dia que num..., o dia que, o dia que dá tá bom, o dia que não dá também (?) tá bom, entendeu? [Ed: Se quiser comentar mais alguma coisa Natal...] Não, não, não. Não tem mais..., não tem mais nada, (pra você?). Eu acho que já tá..., quer dizer, se pra você tá bom né, que... Eu fico feliz é do..., o do... Eu fico feliz sabe o quê que é de... é se a minha parte vai, vai satisfazer, entendeu? Queu, eu tô fazendo é... pra satisfazer você, eu fico feliz em satisfazer você né, você realizar o seu trabalho. O que eu quero é isso. Você..., amanhã falar “Natal, deu jóia o seu trabalho aí, valeu. Deu pra mim satisfazer o meu objetivo” entendeu? O seu objetivo né. Então eu fico feliz né. O que eu fazer pra você, tá fazendo pra mim. {risos} Quero ver você feliz amanhã você né... tranquilo, terminar seu curso, pegar um bom trabalho. Se Deus quiser você vai pegar.{depois de uma pequena pausa o entrevistado prossegue} Se você tiver mais alguma pergunta pra fazer, você pode fazer que eu, se tiver no meu alcance aí eu respondo pra você. [Ed: Ta jóia.] Mas ó, é gostoso, é gostoso. O que eu passei na minha vida desde setenta e cinco..., é muito gostoso, muito gostoso, muito bom. Muito bom memo. **FIM DA ENTREVISTA**